

## O CONCEITO DE EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO FILOSÓFICO DE PLATÃO<sup>1</sup>

Joaquina Ianca Miranda<sup>2</sup>  
Bianca Marinho de Souza<sup>3</sup>  
Sebastião Neto<sup>4</sup>  
Amanda Silva Barata<sup>5</sup>

### RESUMO

Este texto tem por objetivo entender o conceito de educação no pensamento de Platão, com destaque à Alegoria da Caverna. Para tanto, utilizou-se as diretrizes para a leitura, análise e interpretação de texto propostas por Severino (1996) assistida de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. Inicia-se pela introdução sobre o autor e seu pensamento, para então, partimos para a explanação do conceito de educação do autor. Constatou-se que o conceito de educação de Platão associa a educação a uma ferramenta de libertação e transformação humana, em que a mesma exerce uma dualidade, tanto aprisiona como liberta, e se associa diretamente com a política e justiça social, a reconhecendo como um ato político e que por vezes se faz uma ferramenta política, de influência e poder, que implica seleção de conteúdo para a formação. Uma concepção de educação que reconhece, ainda na antiguidade, a particularidade do ato de educar na infância ao indicar o lúdico como melhor forma de aprendizagem, assim como indica a valorização desta educação pelo adulto que esta criança irá se tornar, se constituindo uma corrente de pensamento que permeia os ideais educacionais atuais.

**Palavras-chave:** Fundamentos da Educação. Filosofia da Educação. Platão.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho busca compreender o conceito de educação presente no pensamento platônico, com destaque ao livro VII que compõe a obra *A República*, de Platão. Neste livro, de acordo com Bastos (2012), o autor teoriza a respeito de uma sociedade justa tecendo uma "crítica a democracia de sua época, especialmente a corrupção e a incompetência" (PAVIANI, 2003, p 13), trazendo como tese central que a essência do Estado Justo é a educação de seus cidadãos para o bem, discorrendo sobre uma verdadeira definição de justiça que busca em sua essência uma profunda e radical reforma na *pólis* de seu tempo (BASTOS, 2012), apresentando no livro analisado um projeto de reforma educacional, que preza pelo ensino da lógica e a reconhece como

---

<sup>1</sup> Este trabalho é um extrato de uma pesquisa maior ensejada por Miranda et. al., 2020.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, [joaquinaianca@gmail.com](mailto:joaquinaianca@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, [bmarinho2015@gmail.com](mailto:bmarinho2015@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduando do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UFPA, [netojoanes2012@bol.com.br](mailto:netojoanes2012@bol.com.br)

<sup>5</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da UFPA, [mandys13academico@gmail.com](mailto:mandys13academico@gmail.com)

maior influenciadora política. Mas que educação seria esta? É sobre essa questão que nos debruçamos nas linhas de desenvolvimento deste trabalho à luz de algumas considerações sobre o conceito de educação no pensamento platônico.

Porém, para que haja uma melhor compreensão da análise proposta, precisamos iniciar com breves considerações sobre o autor, seu contexto e suas ideias bases. Platão viveu entre 427 e 347 anos antes de Cristo, grande filósofo da Grécia Antiga e autor de diversos diálogos da Antiguidade que se perpetuaram até os tempos atuais. De acordo com Malveira (2010, p. 24):

Platão, descendente de família nobre, pertencente à mais alta aristocracia ateniense, por isso, recebeu uma educação esmerada à altura de sua condição social. Teve uma irmã e dois irmãos, Glaucon e Adimanto, os quais aparecem como personagens no seu famoso livro, a República. Cultivou os estudos da matemática, da música e da poesia, mas seu encontro com o velho Sócrates decidiu sua vocação filosófica. Viajou pelo Egito e, segundo alguns autores, esta viagem lhe foi, intelectualmente, de grande proveito. De regresso à Grécia estabeleceu-se em Atenas, onde fundou sua famosa Academia, para dedicar-se ao ensino e a profundos estudos de filosofia. Formou gerações, criou um grande número de discípulos, admiradores seus, entre eles encontramos o imortal Aristóteles que sempre mereceu admiração do mestre.

Dessarte, viveu um período assinalado pela ruptura com a educação heroica e com os mitos, o momento em que o *logos*, dito de outra forma a razão, passou a se sobrepôr à imaginação. Esse processo influenciou em um pensamento platônico carregado de resquícios da mitologia, mas que foi fundamental para que a razão se tornasse condutora das ações e pensamentos humanos, carregando traços de alguns de seus precursores. Como dos pitagóricos, que podem ter sido forte influência na ideia central ao pensamento de Platão que considera a matemática como a “base segura não só para a filosofia no sentido moderno, mas também para as teses substanciais no campo da ciência e da moral” (HARE, 2014, p.21).

Tal qual Anaxágoras e sua ideia “[...] de que a alma tem um lugar na explicação do modo de funcionamento do mundo” (HARE, 2014, p. 25). No entanto, de acordo com Chauí (2014), o maior precursor da filosofia de Platão foi Sócrates, o qual influenciou o pensamento platônico em elementos como a dialética, assim como a intuição, que representa uma das formas de identificar e diferenciar o conhecimento verdadeiro da mera ilusão. “O sistema platônico das ideias especifica no ser das coisas não só um elemento imanente capaz de explicá-las, captando sua articulação e estrutura, mas também o seu conceito e o significado deste conceito” (ROSSI, 1996, p. 34). Para

isso, fez-se necessário um princípio fundador: “um fundamento objetivo e imutável do saber e também descreveu, admiravelmente, a ânsia de uma busca infinita que se aproximasse, com dificuldade, do seu fim último, impossível ainda ao ser humano” (*idem*, 1996, p. 36).

Esse princípio fundador, que resulta na realidade de uma verdade (idealismo), evidencia uma referência aos *mythos*, ainda forte na filosofia de Platão, não apenas nessa visão de verdade, mas também na valorização que ele dava à oralidade confirmada “através da sua dialética, construída e articulada pelo diálogo” (*idem*, 1996, p. 36). Esse idealismo, isto é, a concepção de um real e um inteligível, resulta em uma visão dualista do mundo, em que o inteligível comporta critérios de verdade e antecede a própria origem do homem, considerando as soluções humanas e o conhecimento, como meras alusões ou indicações de uma verdade (ROSSI, 1996). Esse idealismo solidifica a filosofia platônica, dividindo sua concepção de mundo em inteligível e sensível.

De modo que, em relação ao diálogo estabelecido entre educador e educando, tão defendido por Platão, ainda encontramos seus vestígios contidos na contemporaneidade “[...] na essência do ensino da atualidade, onde a troca de experiências entre ambas as partes geram a evolução do conhecer, formando senso crítico e autonomia intelectual dos estudantes” (ZANARDI, et. al, 2013, p.75). Nos fazendo inferir que, o pensamento platônico tornou-se grande influenciador de algumas teorias sucessoras, como apontado por Zylbersztajn (1998), Koyré acreditava que:

a abordagem usada por Galileu na investigação da natureza foi fortemente influenciada pela filosofia de Platão, que já havia na antiguidade marcado a ciência de Arquimedes. Essa influência se evidencia, por exemplo, na ênfase dada por Galileu à matemática como instrumento para a apreensão da natureza. [...] A busca de uma ordem na natureza, através das abstrações da matemática, encontra-se diretamente relacionada com a teoria platônica das formas ideais, das quais o mundo em que vivemos não seria mais do que uma cópia imperfeita. É por este motivo, sustenta Koyré, que a física de Galileu se dá em um mundo idealizado constituído por planos completamente lisos, esferas perfeitamente esféricas e corpos absolutamente duros (KOYRÉ, 1982, apud ZYLBERSZTAJN, 1998, p. 41).

Mas principalmente nas correntes filosóficas-religiosas, como mencionado por Malveira (2010, p. 24), ao afirmar que, “na obra de Platão percebe-se, nitidamente, o anseio de vida eterna, o problema de Deus, do absoluto e do infinito. É patente sua influência na filosofia cristã [...] pela elevação e pelo e pelo idealismo da especulação”.

É neste contexto, e por entendermos como um conceito educacional de fundamental importância para a Educação até a atualidade, que buscaremos esclarecer o conceito de Educação no pensamento platônico e a sua influência nas teorias educacionais que permeiam até a atualidade, dando ênfase a alegoria mais famosa de Platão que versa sobre seu modelo educacional.

## **METODOLOGIA**

O trabalho é de abordagem qualitativa e foi desenvolvido no período de Novembro de 2019 à Abril de 2020. Para seu desenvolvimento, fizemos uso das as diretrizes para leitura, análise e interpretação de textos de Severino (1996). Este autor define três análises para essa metodologia: a análise textual, em que busca-se informações entorno do autor e seu pensamento; a análise temática, em que analisamos o texto de forma a determinar o tema, problema, tese, argumentos e ideias secundárias da unidade delimitada, compreendendo a mensagem do texto e; a análise crítico interpretativa, que trata-se de situar o pensamento da unidade em esfera mais ampla, verificando como a mensagem relaciona-se com a posição de outros teóricos, possibilitando o encontro de pressupostos (SEVERINO, 1996). Sendo que a aplicação correta dessas diretrizes possibilitou a compreensão do texto, assim, tendo-as como base, pôde-se explanar sobre a educação, dando ênfase ao livro *A República*, de Platão.

Dessarte, associada a uma pesquisa do tipo bibliográfica realizada em acervo online (<https://scholar.google.com.br/>) e selecionando os trabalhos que abordavam a educação no pensamento de Platão, foi possível constar que esse tipo de pesquisa nos proporciona ter bases e alicerces para discorrer sobre determinados assuntos já discutidos dando viés para novos olhares e oportunizando criar um contexto inovador, pois, de acordo com Trentini e Paim (1999, p. 68) “a seleção criteriosa de uma revisão de literatura pertinente ao problema significa familiarizar-se com textos e, por eles, reconhecer os autores e o que eles estudaram anteriormente sobre o problema a ser estudado”.

## **A EDUCAÇÃO NA ALEGORIA DA CAVERNA: DUALIDADE, POLÍTICA E LIBERTAÇÃO.**

No livro VII da obra *A República*, Platão utiliza uma alegoria para introduzir a percepção de verdade do homem e pôr em evidência sua formação - uma formação adequada e ideal - desenvolvendo o pensamento de que existe uma realidade dessa verdade (Mundo Inteligível), a qual deve ser descoberta pelo homem para que saia da ignorância “tudo o que ele vira até ali não passava de brinquedo e que somente agora, por estar mais próximo da realidade e ter o rosto voltado para o que é mais real é que ele via com maior exatidão” (PLATÃO, 1988, p. 282), e, nesta linha de pensamento, a educação, ou melhor, a correta educação, é o que direciona o homem à reflexão e conduz a alma para Inteligível, o “que promove aquela mudança de direção” (PLATÃO, 1988, p. 282), em outras palavras, “o ponto fulcral da educação platônica é o giro do olhar das ideias, juízos, valores e práticas que reduzem o que há de humano em cada um para a essência, o sentido, os fins da vida humana” (SANTOS, 2012, p. 127), em que “[...] a filosofia, a educação e a política são indissolúveis” (PAVIANI, 2016, p. 14). Desta forma, na obra, ao analisar a questão educacional e aponta-la como a estrutura de um Estado bem constituído, Platão destaca a educação dos jovens uma vez que estes jovens virão a ser os guardiões de cidade, e, por isto, devem saber discernir entre a justiça e a injustiça (MALVEIRA, 2010).

Desta forma, o texto aborda “a natureza humana diante do conhecimento e a educação como libertadora e influenciadora da Política” (PLATÃO, 1988, p. 282), pois o homem ignorante é um mal político, tornando indissociável educação e política ao defender que uma cidade só pode ser bem comandada se governada “por cidadãos verdadeiramente ricos [...] no que devem ser ricos os bem-aventurados: em **vida virtuosa e sábia**. Onde os famintos e mendigos se ocupam dos negócios públicos” (PLATÃO, 1988, p. 288-289, grifo nosso). Concluindo que os filósofos, “os que permitimos passar toda a vida nos estudos” (*idem*, 1988, p. 286), os que possuíam um alto grau de conhecimento teórico da filosofia, e por isto, o domínio da técnica política, deveriam assumir o governo, pois, “considerava a função de governar com a mais excelsa de todas e, por isso mesmo, somente os indivíduos mais capazes e mais preparados especificamente, deveriam ser escolhidos para tão honrosa missão” (MALVEIRA, 2010, p. 26), defendendo o modelo da Aristocracia, ao passo que a Democracia poderia conceder poder a pessoas despreparadas para governar (ZANARDI, et. al, 2013).

Sinaliza também uma preocupação na educação da infância - “[...] fase que se imprime o caráter desejado para uma pessoa” (SANTOS, 2009, p. 71) - e da juventude, ao apontar que, é nesta fase que conseguimos infundir na alma juvenil a orientação para vida, sempre associada ao benefício do próprio Estado, tornando necessário que a educação se inicie na infância, e se prolongue para toda a vida, sendo elas educadas em um sistema de normas que a tornem adultos justos e operosos (MALVEIRA, 2010).

Ao comparar o homem educado com o não educado - em que o primeiro é um ser liberto que vive à luz do conhecimento, e o segundo um ser aprisionado, acorrentado, condenado à escuridão -, e associar a educação como ferramenta libertadora - a qual permite o homem conhecer a causa de tudo o que é belo e direito, a geratriz do mundo visível - inicia uma corrente de pensamento que associa o conceito de educação como modo de transformação do indivíduo e meio para torná-los capazes de alcançar uma virtude maior, pois “a experiência do prisioneiro na caverna mostra o que significa um processo educativo capaz de levar o homem à sua verdadeira condição. A educação é justamente essa atitude de forçar o homem a galgar píncaros sempre mais altos” (TEIXEIRA, 1999, p. 65). Transformação esta que visa uma reforma social, ao se preocupar “[...] em formar o homem, ou melhor, formar a sua alma, de modo que, ao tornar-se virtuoso por causa da educação recebida, ele [o homem] possa contribuir para a construção de uma sociedade justa” (SANTOS, 2009, p. 76).

Nessa forma de pensar a educação, ao atribuir essa função libertadora, Platão dá a educação uma característica dominadora e formadora, e a coloca em uma dualidade, pois a educação formará tanto o homem aprisionado na ignorância como o homem liberto dela. E, ao associá-la diretamente com a política, reconhecendo o processo educacional como forma de dar consciência social aos membros da comunidade, em que a política é reflexo dessa educação, capaz de determinar se o governo seria corrupto ou justo, encontramos primórdios do pensamento da educação como campo de poder, como um território de domínio em disputa e como prática formadora do homem.

Nos conduzindo assim reflexão de uma educação libertadora a qual deveria ser realizada por um grupo seletivo, por aqueles que se libertaram, pelos filósofos – caberia a eles o papel de educar, uma vez que a educação corrupta era dada por aqueles que não se libertaram, assim, cabia aos indivíduos influentes da sociedade selecionar o que era ensinado e para quem era ensinado. Percebe-se, na visão de Platão, mesmo que antiga, a educação como “o campo do conhecimento [...] mais dinâmico, mais complexo e mais

disputado” (ARROYO, 2011, p. 37), em que é responsabilidades de um grupo apenas, embora determine e forme a todos.

Desse modo, nota-se que os argumentos de Platão colocam a educação não apenas como instrumento de libertação e transformação do homem, mas também, em lugar de poder e influência. “Para Platão, a função educadora implica seleção e formação, com profundo sentido social e político, porque dela depende o ideal supremo da comunidade” (MALVEIRA, 2010, p. 26), assim, teóricos como Miguel Arroyo (2011) e Silva (1999), vêm associando a educação a um canal de mediação entre o desenvolvimento e o controle do indivíduo, sendo diretamente ligada à política e a ideologia majoritária da sociedade gerando uma perspectiva particular.

Isto posto, essa perspectiva perpassa a história até a atualidade, destilando-se nos pensamentos de diversos estudiosos - entre eles o próprio Freire (2000) - os quais corroboram com a tese de que a educação é libertadora e, por outro lado, é pela deturpação da educação que os homens permanecem na ignorância, em um governo em que “a lei não se empenha, absolutamente, em proporcionar a qualquer classe de cidadãos uma vida excepcional” (PLATÃO, 1988, p. 287), vida esta que só se faria possível pela educação “ideal”. Mas afinal, que educação é esta?

O autor defende que a mesma só é possível se partirmos da **educação voltada para a alma**, desta forma “[...] a grande preocupação de Platão é com o cidadão, ou melhor, com sua alma, pois o homem é o resultado de sua alma em consequência da educação recebida” (SANTOS, 2009, p. 71), constituindo a educação como arte que se propõe ao objetivo de educar a alma para a justiça, encontrada no Inteligível.

Se tudo o que afirmamos estiver certo, prossegui, precisaremos chegar à seguinte conclusão: a educação não é o que muitos indevidamente proclamam, quando se dizem capazes de enfiar na alma o conhecimento que nela existe como poderiam dotar a olhos privados de visão. [...] a educação não será mais do que a arte que se propõe a fazer essa conversão [...] a educação promove aquela mudança de direção (PLATÃO, 1988, p. 285-286).

Dentro deste modelo ideal de educação, que busca a reflexão, Platão “[...] aconselha o ensino da ginástica que julgava indispensável à fortaleza do preparo físico, porém sintonizado com o ensino da música, para que o homem de aspecto atlético não perdesse sua sensibilidade (MALVEIRA, 2010, P. 25), embora destacasse que essas “percepções não convidam a inteligência a refletir” (PLATÃO, 1988, p. 291), pois, “a ginástica se ocupa com o mundo transitório do devir” (*idem*, 1988, p. 290) e o

“conhecimento que vá dar no bem que ora procuras é o que na música não se encontra [...] Que disciplina nos sobrar, se excluirmos a música, a ginástica e as artes em geral?” (*ibidem*). “A ciência geral que serve a todas as artes, ciências e conhecimentos” (PLATÃO, 1988, p. 290) apresentada por Platão como a aritmética e o cálculo, esse são os conhecimentos que levam “[...] naturalmente à reflexão; porém nunca é usado como fora preciso, na sua capacidade única de conduzir a alma para o ser” (*idem*, 1988, p. 291). A dialética é o método para ascensão ao inteligível, “uma ideia reguladora do pensamento ético e da ação” (SPINELLI, 2003, p. 162).

E neste modelo educacional, Platão já sinalizava a não distinção entre o gênero feminino e masculino, “o mesmo acreditava que toda educação era de responsabilidade estatal, de forma visionária, sendo em defesa da mesma instrução para meninos e meninas” (ZANARDI, et. al, 2013, p. 72). À vista disso, é o que se reflete na nossa educação contemporânea, em que constantemente a mulher passa a ocupar espaços da vida social, política e administrativa que antes não eram ocupados e discutindo problemas cruciantes da sociedade. Nesta perspectiva, o comportamento ético é consolidado nas atividades individuais consolidadas nas relações sociais, uma vez que o homem realiza e significa sua natureza humana socialmente, ele é um ser essencialmente político e independe a particularidade ou gênero humano (SANTOS, 2012).

Toda a alegoria carrega uma criticidade tanto em torno do conhecimento quanto do que é ensino. Ao questionar qual conhecimento que conduz a reflexão; pôr em pauta a educação que forma o homem liberto; assim como o modelo educacional que forma o homem aprisionado, o filósofo aponta para a necessidade de criticar o que é ensinado. Fundamentando-se na teoria da alienação de Marx, Pinassi (2017, p. 7) declara que “o quadro atual [...] potencializa a urgência histórica de um enfrentamento decisivo e real contra o poder da alienação, e renova a necessidade da crítica [...]”. Já que é na atualidade, que a criticidade ao que nos ensinado, posta por Platão, se torna tão necessária, que a educação, tanto como libertação como aprisionadora, precisa ser problematizada.

Para o filósofo, o conhecimento só é válido e lógico quando parte do inteligível, quando se constitui uma ideia. Há uma influência mitológica nesta afirmação – e não apenas nessa visão de verdade, mas também na valorização que ele dava à oralidade confirmada “através da sua dialética, construída e articulada pelo diálogo” (ROSSI,



1996, p. 36) -, pois, afirmar tal premissa nos direciona ao pensamento de que nossa alma guarda todas as ideias e que, de alguma forma, a mesma já conhecia as formas das coisas antes que viéssemos ao mundo, fazendo da educação uma faculdade inata à alma e deve ser voltada a ela, para que seja capaz de fazer o homem virar-se aos sentidos (PLATÃO, 1988). Nesta perspectiva, a alma e o conhecimento teórico antecede o corpo e suas experiências concretas, tornando implausível transmitir conhecimentos aos alunos, mas sim, “leva-los a procurar respostas para suas inquietações” (ZANARDI, et. al, 2013, p. 72).

Conhecer para este pensador, portanto, é recordar um conhecimento que é inato à alma. “Platão define não só a aprendizagem, mas também toda ciência e investigação, como anamnésia (recordação)” (DALBOSCO, 2012, p. 270), neste contexto o conhecimento é concebido “[...] como algo que já está contido na alma previamente, antes de qualquer experiência, competindo ao mestre, por meio da arte da interrogação, fazer este conhecimento brotar de dentro do educando” (DALBOSCO, 2012, p. 270). Em outras palavras,

Ao dizer que o conhecimento que parte dos sentidos não pode ser válido, o conhecimento deixa de ser uma construção humana e passa a ser mera recordação de uma outra encarnação. Porém, afirmar isso seria quase como afirmar que, ao derrubar café quente em mim, eu apenas sinto queimar porque minha alma uma vez avistou a forma da dor da queimadura, então, apenas sinto dor e chego à conclusão de que café quente queima porque antes de vir ao mundo minha alma já sabia que algo quente queima a pele. Um exemplo exacerbado? Talvez. Menos exacerbado que afirmar que nada do que aprendo com meus sentidos, minha experiência, é válido para a aprendizagem, para a construção do conhecimento. [...] O que deve ser questionado é que o conhecimento não pode ser reduzido a uma autorreflexão do espírito. O conhecimento não pode ser apenas uma visão de si, assim como não pode ser apenas uma visão de mundo [...] é resultado tanto da autorreflexão do espírito como da autorreflexão do mundo (MIRANDA, et al. 2020).

No entanto, essa fissura na caverna de Platão, como outras que são debatidas por diversos autores (DEWEY, 1979; BASTOS, 2012; DALBOSCO, 2012), não chega nem perto de torná-la obsoleta. Corroboramos com Santos (2009) ao afirmar que o grande mérito do filósofo reside na união da educação à política para o exercício da justiça e trazemos as palavras de Teixeira (1999) para ressaltar a importância desta associação no pensamento educacional de Platão, que...

[...] antecipou a igualdade entre os sexos, dando uma considerável importância à educação das mulheres. [...] Talvez a maior contribuição de Platão para nosso tempo, que influenciou grandemente a história do Ocidente, seja justamente esta: construir mais justiça, tentar em todas as

partes impor a harmonia sobre o caos, quer dizer, mudar o mal em bem, porque todo o conhecimento e toda a educação são, efetivamente, bondade. E, caso isso não seja possível, resta ainda para o educador platônico, representado na figura do filósofo, o refúgio na solidão do ser, onde, com toda a dignidade, segundo Sócrates, citado por Platão no Fédon, o filósofo aprenderá a arte última, pois aprendeu, com a sophia, que a Filosofia, como possibilidade de educação do homem, é a arte de aprender a morrer (p. 135 - pp. 137).

Desta forma, a filosofia platônica ultrapassa o passado e encontra validade no nosso tempo (NUNES, 1973). Ao pautar sua filosofia no processo dialógico e no incômodo daqueles que estão presos em suas estruturas normatizadas confortáveis e de respostas e opiniões prontas, formando o homem a partir do diálogo com seu semelhante, tempo e realidade, Platão consegue dialogar historicamente com o homem em todos os tempos, dentre os quais se encontra o homem contemporâneo e sua a cultura (RIBEIRO, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos aqui, um compilado de explicações que demonstram os impactos do pensamento platônico na concepção de educação até a contemporaneidade, como a educação enquanto prática de libertação. É nesse contexto que a educação segundo o pensamento platônico, e através da alegoria do mito da caverna, proporciona uma educação voltada para a reflexão do mundo a partir do senso crítico do aluno. Assim destaca-se que cada ser pensante possui o pleno senso sobre como é e o que é a liberdade, e desse modo passa a respeitar a capacidade do outro, e seus limites, baseados no que Platão chamou de educação para a alma.

Ressalta-se a dualidade da educação, que tanto liberta como aprisiona. Este aspecto faz com que a educação se associe diretamente com a política e justiça social, e a coloca muito além de um lugar de neutralidade, mas a reconhece como um ato político e que por vezes se faz uma ferramenta política, de influência e poder, que implica seleção de conteúdos para a formação. Educação e política são, então, indissolúveis e, por isso, trabalham para transformação e justiça social daqueles que a dominam e determinam.

Uma concepção de educação que reconhece, ainda na antiguidade, a particularidade do ato de educar na infância, corroborando a ideia de que este sentimento infantil só iria emergir na modernidade. Reconhece, não apenas sua

particularidade no aprender, ao indicar o lúdico como a melhor forma de aprendizagem, mas indica a valorização desta educação pelo adulto que esta criança irá se tornar. Aspecto educacional, que assim como os já citados, permeiam até as correntes de pensamentos atuais.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BASTOS, L. M. Filosofia e educação: autonomia e paideia platônica. **Revista Polyphonia**, v. 23, n. 2, p. 117-131, 2012.

CHAUÍ, M. **Iniciação à filosofia: ensino médio**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2014.

DALBOSCO, C. A. Educação e formas de conhecimento: do inatismo antigo (Platão) e da educação natural moderna (Rousseau). **Educação**, v. 35, n. 2, p. 268-276, 2012.

DEWEY, J. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. 4. ed. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

HARE, R. M. **Platão**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MALVEIRA, A. N. A Educação na República de Platão. **Revista da Academia Brasileira de Filologia**. Número VII, 2010.

MIRANDA, J. I. S. et al. Alegoria à educação: uma aplicação da metodologia de análise do autor Joaquim Severino na obra a república, de Platão. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 37728-37746, 2020.

NUNES, C. A. **Marginália platônica**. Belém: EDUFPA, 1973.

PINASSI, M. **Apresentação**. In: MÉSZÁROS, István. A Teoria da Alienação em Marx. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017. p. 7-13.

PLATÃO. Livro VII. In: PLATÃO. **A República**. Belém: UFPA, 1988.

PAVIANI, J. **Platão & a República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ética da formação**. Caxias do Sul: Educs, 2016.

ROSSI, R. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

RIBEIRO, M. B. **Educação e política em Platão**: reflexões a partir do livro VII d'A República. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL/MG), 2019.

SANTOS, H. M. D. Reforma social e educação em Platão. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 3, p. 69-78, jul./dez, 2009.

SEVERINO, A. J. Diretrizes para a leitura, análise e interpretação de textos. In: SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2. ed., 2005.

SPINELLI, M. Platonismo cristão? Que platonismo?. **Boletim do CPA**, Campinas, v. 15, n. 15, p. 157- 168, 2003b.

TEIXEIRA, E. F. B. **A educação do homem segundo Platão**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1999.

TRENTINI, M.; PAIM, L. **Pesquisa em Enfermagem**. Uma modalidade convergente assistencial. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

ZANARDI, I. M. et al. Uma breve introdução sobre o conceito de educação em Platão e Santo Agostinho. In: RODRIGUES, R. V. et. al (Org). **O PIBID na URI III**, 2013, p. 70-77.

ZYLBERSZTAJN, A. Galileu: um cientista e várias versões. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 5, p. 36-48, jun. 1988.